



Painel Científico para a Amazônia (SPA-sigla em inglês)

Grupo de trabalho IV

POVOS DA AMAZÔNIA

Autores Principais: Simone Athayde and Daniel Larrea

LÍNGUAS DA AMAZÔNIA: DIMENSÕES DA DIVERSIDADE

Autores principais do Capítulo: Carolina Rodríguez Alza and Hein van der Voort

Autores Contribuintes: Crevels, Mily and Swanson, Tod Dillon

[Draft version. Please do not cite.]

Agradecemos a Dafne Freitas de Farias por se voluntariar para traduzir este documento do inglês para o português.

Capítulo 12

LÍNGUAS DA AMAZÔNIA: DIMENSÕES DA DIVERSIDADE

van der Voort, Hein¹; Rodríguez Alza, Carolina²; Swanson, Tod Dillon³; Crevels, Mily⁴

1 Museu Paraense Emílio Goeldi (Brazil)

2 Pontificia Universidad Católica del Perú (Peru)

3 Arizona State University (USA)

4 Universiteit Leiden (the Netherlands)

Capítulo 12

ACRÔNIMOS E ABREVIACÕES: (com siglas em inglês)

DNEIB: Direção Nacional de Educação Intercultural Bilíngue do Equador

MINEDU: Ministério da Educação

SIL: Instituto de Verão de Linguística

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

ÍNDICE

| | |
|---|------------|
| 1. MENSAGENS-CHAVE | i |
| 2. RESUMO | ii |
| 3. RESUMO GRÁFICO | iii |
| 1. INTRODUÇÃO | 1 |
| 2. DIVERSIDADE LINGUÍSTICA | 1 |
| 3. A EMERGÊNCIA DA DIVERSIDADE GENEALÓGICA DA LINGUAGEM | 2 |
| 4. DIVERSIFICAÇÃO DE IDIOMA E MUDANÇA ATRAVÉS DO CONTATO | 6 |
| 5. VARIAÇÃO DE IDIOMA | 8 |
| 6. VITALIDADE E PERIGO DA LINGUAGEM | 9 |
| 7. POLÍTICAS OFICIAIS DE APOIO À MANUTENÇÃO DE LÍNGUA | 12 |
| 8. DOCUMENTAÇÃO | 14 |
| 9. CONDUTORES DE MUDANÇA: ALGUNS EXEMPLOS | 14 |
| 10. O QUE EXATAMENTE ESTÁ SENDO PERDIDO? | 21 |
| 11. IMPORTÂNCIA DAS LÍNGUAS INDÍGENAS EM NOVOS CONTEXTOS | 23 |
| 12. CONCLUSÕES | 26 |
| 13. RECOMMENDAÇÕES | 26 |
| 14. REFERÊNCIAS | 28 |
| 15. GLOSSÁRIO LINGUÍSTICO PRINCIPAL | 31 |

Capítulo 12

1. MENSAGENS-CHAVE

- Uma das dimensões mais importantes da diversidade linguística da região amazônica é sua diversidade genealógica. Com relação às famílias de línguas e isolados, a Amazônia é uma das partes mais ricas do mundo, e essa diversidade não é coincidentemente espelhada pela biodiversidade amazônica. A maioria das línguas amazônicas está em perigo de extinção, enquanto poucas foram suficientemente documentadas e estudadas.
- Cada idioma representa a herança de séculos de criatividade cultural e intelectual com valor científico e cultural para a humanidade como um todo. Com a perda de cada cultura e de cada língua, a humanidade perde mais uma alternativa e, possivelmente, forma única de compreender o mundo.
- Todos os idiomas e culturas estão permanentemente sujeitos a mudanças e todos são capazes de se adaptar às novas circunstâncias. Porém, desde a chegada dos europeus, há cinco séculos, a região amazônica perdeu 75% de suas línguas (Aikhenvald 2012, Rodrigues 1993). O desaparecimento da diversidade linguística na Amazônia, a desintegração das sociedades indígenas, a extinção de espécies biológicas e a destruição dos ecossistemas amazônicos fazem parte de um mesmo problema.
- Componentes importantes de uma solução para o problema da extinção da língua são a promoção do bilinguismo, o reconhecimento dos direitos indígenas, a proteção das terras indígenas e alternativas econômicas sustentáveis para o desmatamento descontrolado e a prospecção mineral.
- Os próprios povos indígenas estão aproveitando a crescente conectividade em toda a Amazônia e desenvolvendo soluções explorando novos domínios para o uso da linguagem, como as redes sociais, nas quais jovens falantes participam sem se sentirem estigmatizados e promovem a documentação e a revitalização de suas línguas.

Capítulo 12

2. RESUMO

Este capítulo é sobre a extraordinária diversidade linguística indígena da região amazônica. Essa diversidade se apresenta em termos de suas diferentes dimensões: a existência de um número relativamente grande de línguas na região; como essas línguas se relacionam entre si, representando uma diversidade genealógica impressionante; sua distribuição geográfica em diferentes sub-regiões amazônicas; os efeitos do contato linguístico que resultaram em diversas áreas linguísticas; os diferentes níveis de perigo e as diferentes circunstâncias sociais que contribuem para isso; e, finalmente, o que se perde quando as línguas desaparecem. A perda da diversidade linguística acarreta o desaparecimento dos sistemas de conhecimento indígenas relativos ao meio ambiente e à organização social, paralelamente aos processos de perda da biodiversidade.

Palavras-chave: Línguas amazônicas, Diversidade linguística, Vitalidade da linguagem, Línguas ameaçadas, Condutores da mudança

Capítulo 12

3. RESUMO GRÁFICO

Mapa 1. Diversidade linguística da Amazônia

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta as dimensões que fazem da região amazônica um lugar de extraordinária diversidade linguística. Os primeiros relatos de colonizadores, missionários, viajantes, aventureiros e cientistas europeus mencionaram a notável multiplicidade de línguas faladas pelos vários povos da região. Eles também destacaram o fato de que essas línguas pareciam ser radicalmente diferentes umas das outras. O número de idiomas falados naquela época excede em muito os mais de 300 idiomas que são contados hoje. Esses idiomas restantes são classificados em cerca de 50 famílias de idiomas e isolados, que se assemelham a uma colcha de retalhos quando indicados por cores em um mapa.

A pesquisa linguística tem cada vez mais refinado nossa compreensão dessa diversidade, não apenas no que diz respeito à classificação genealógica, aos traços de contato e às características tipológicas. Os idiomas também diferem devido a fatores históricos, sociais e culturais. Além disso, na atual conjuntura, as línguas diferem visivelmente no que diz respeito aos níveis de vitalidade. Enquanto algumas línguas gozam de um alto grau de vitalidade e podem ter o apoio de políticas nacionais e locais, outras estão em sério risco de extinção. No entanto, todas as línguas amazônicas podem ser consideradas em algum grau de perigo, devido às pressões das sociedades nacionais e globais. A perda contínua da diversidade linguística envolve o desaparecimento dos sistemas de conhecimento indígenas sobre o meio ambiente e a organização social, e paralela aos processos de perda da biodiversidade.

2. DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Apesar da dificuldade de estabelecer o número exato de diferentes línguas faladas no planeta, os linguistas concordam que seja pelo menos 6.000. Algumas dessas línguas têm centenas de milhões de falantes e 20 dessas línguas são faladas por cerca de metade da população mundial. Isso implica que todas as outras línguas são faladas pela outra metade da humanidade. Além disso, estima-se que metade das mais de 6.000 línguas do mundo sejam faladas por, no máximo, 0,2% da população mundial. A maioria dessas línguas está até certo ponto ameaçada de extinção (Moseley ed. 2010).

A densidade das línguas não é distribuída uniformemente pelo globo. Em algumas regiões, poucos idiomas são falados e em outras regiões, o número de idiomas diferentes é extremo. Como exemplo, uma única língua Inuit é falada, em vários

Capítulo 12

dialetos diferentes, ao longo da costa da Groenlândia, descendo do Noroeste, contornando a ponta sul, até o Leste, cobrindo um trecho de 4.000 quilômetros. Em contraste, na Nova Guiné, que tem cerca de metade do tamanho da Groenlândia, cerca de 1.000 línguas diferentes são faladas. Em termos de números de idiomas, a Nova Guiné é extremamente diversificada.

A região amazônica também é altamente diversa linguisticamente em termos quantitativos. Estima-se que mais de 300 línguas indígenas sejam faladas na Amazônia hoje. Esse número, entretanto, representa o que restou das mais de 1.000 línguas faladas na época da chegada dos colonizadores europeus. Nos últimos cinco séculos, doenças exógenas, violência colonial, escravidão e expropriação diminuíram as populações originais e, nesse processo, muitas línguas foram extintas. Embora as populações indígenas da Amazônia tenham voltado a aumentar nos últimos 50 anos, a maioria de suas línguas está em perigo de extinção.

Para estabelecer o que se perde com o desaparecimento das línguas e quais são as causas desse processo, teremos que explicar a natureza da diversidade linguística na Amazônia e de onde ela vem. Nos parágrafos anteriores, consideramos a diversidade de idiomas em termos de número de idiomas. Existem também outras maneiras de olhar para a diversidade linguística, que estão relacionadas à maneira como as línguas emergem e morrem novamente.

3. A EMERGÊNCIA DA DIVERSIDADE GENEALÓGICA DA LINGUAGEM

Todas as línguas vivas mudam com o tempo e, portanto, apresentam variações. A mudança de idioma pode ser causada por diferentes fatores internos e externos. As línguas mudam com o tempo, e é por isso que podemos ter dificuldade em compreender os estágios anteriores de uma língua, conforme estabelecido na forma escrita há séculos ou, às vezes, até mesmo falado por nossos avós. Além disso, quando diferentes populações que falam a mesma língua vivem separadamente em localizações geográficas distantes, os desenvolvimentos linguísticos separados ao longo do tempo dão origem a variações contemporâneas da mesma língua, conhecidas como dialetos. Se passar bastante tempo, digamos, mil anos, os dialetos podem se tornar tão diferentes que não são mais mutuamente inteligíveis e podem ser considerados idiomas diferentes.

Capítulo 12

Como essas línguas se originam de um ancestral comum, elas são consideradas genealogicamente relacionadas.

O surgimento de novos dialetos e línguas por meio da diversificação histórica resulta em famílias de línguas. Um exemplo conhecido é a família de línguas românicas, que consiste em espanhol, francês, português e outras línguas, e que se desenvolveu a partir de uma língua anterior conhecida como latim vulgar. Na verdade, as línguas românicas fazem parte de apenas um ramo de uma família maior e mais antiga, chamada indo-europeia, que inclui o céltico, o germânico, o eslavo, o indo-iraniano e outras famílias de línguas. As centenas de línguas indo-europeias são, portanto, todas genealogicamente relacionadas. Existem várias famílias de línguas muito grandes no mundo, como a família austronésica, a família Níger-Congo e a família sino-tibetana. Três grandes famílias de línguas estão amplamente representadas na região amazônica: Arawakan, Cariban e Tupian.

Existem talvez 250 famílias de línguas diferentes no mundo hoje, algumas das quais são muito pequenas, contendo apenas duas ou três línguas, muitas das quais são encontradas apenas na América do Sul. Algumas línguas são isoladas: não pertencem a nenhuma família conhecida e podem ser consideradas famílias de uma única língua. Um exemplo europeu de uma língua isolada é o basco, que mesmo após séculos de pesquisa linguística não foi classificado em nenhuma família conhecida (mas veja Bakker 2020). Existem cerca de 125 isolados no mundo, e a região amazônica abriga um número desproporcional deles (Seifart e Hammarström 2018). Explicar esse alto número de isolados representa um desafio para a linguística amazônica e áreas de pesquisa relacionadas.

Tabela 1. Alguns indicadores de diversidade linguística¹

| | Línguas | Famílias | Isoladas |
|------------------|---------|----------|----------|
| Mundo | 6000+ | 250 | 125 |
| América do Norte | 400 | 35 | 20 |
| América do Sul | 500 | 45 | 40 |

¹ Baseado em Moseley (ed. 2010), Hammarström et al. (2021), Campbell (ed. 2018) e outros recursos gerais.

Capítulo 12

| | | | |
|------------|-------|----|----|
| Amazônia | 300+ | 25 | 20 |
| Nova Guiné | 1000+ | 50 | 20 |

A Tabela 1 mostra que a região amazônica possui um número relativamente baixo de línguas quando comparada a algumas outras regiões. No entanto, o número de famílias e isolados representados por essas relativamente poucas línguas é muito alto. Em termos de unidades genealógicas, a diversidade linguística da Amazônia é bastante excepcional. A Tabela 2 analisa com mais profundidade essa diversidade, considerando cada país da bacia amazônica. Os números mostrados são aproximações grosseiras. A maioria das línguas pertence a uma das principais famílias linguísticas: Tupi, Arawak, Carib, Macro-Jê. A literatura sobre essas famílias é vasta. Para visões gerais, ver, por exemplo, Campbell e Grondona eds. 2012, Dixon e Aikhenvald eds. 1999, Epps e Michael eds. na preparação.

Tabela 2. Número de línguas, famílias e isolados na Amazônia²

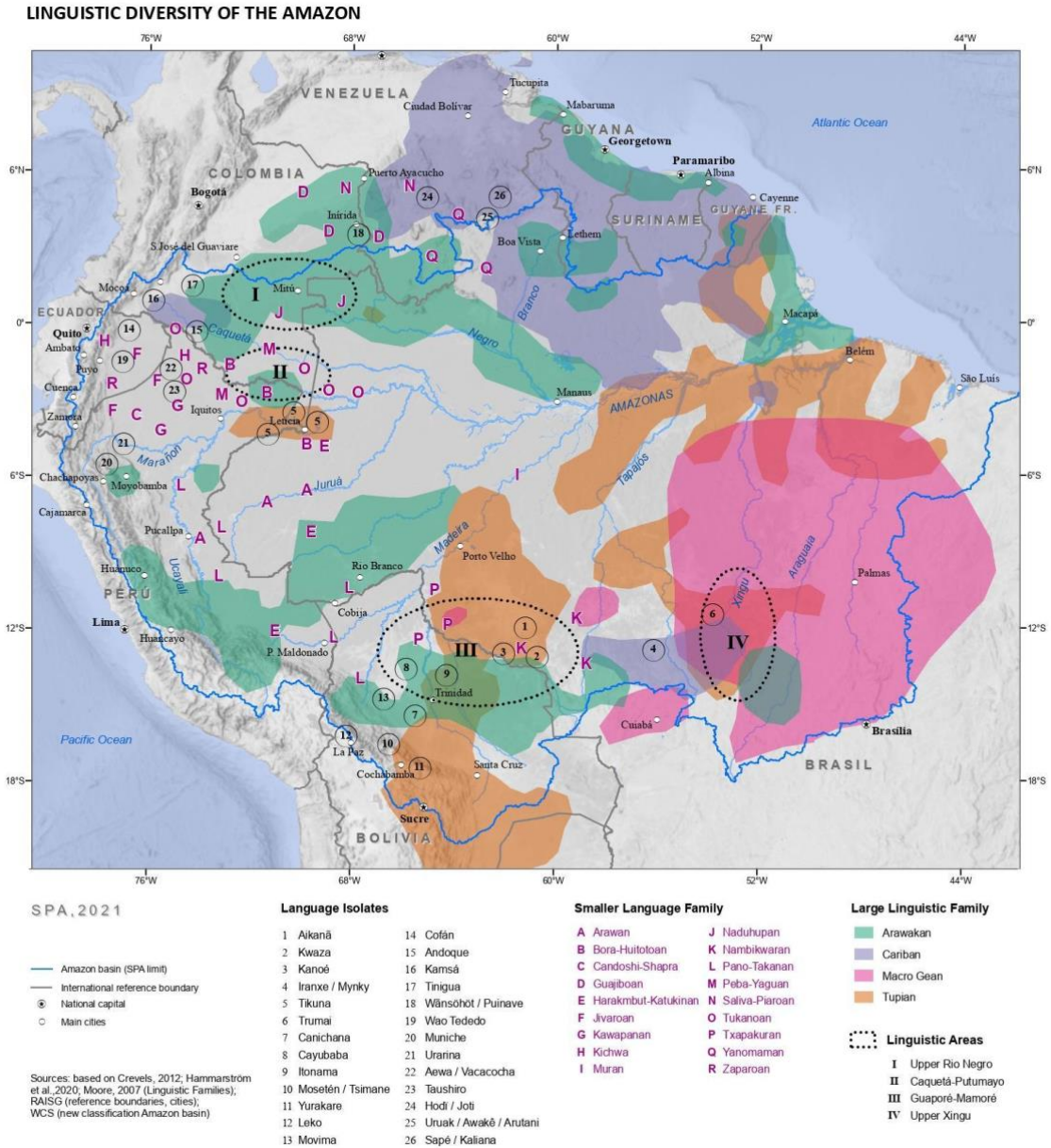
| País / território | Línguas | Famílias | Isolados |
|-------------------|---------|----------|----------|
| Brasil | 120 | 14 | 7 |
| Bolívia | 34 | 11 | 8 |
| Colômbia | 49 | 13 | 6 |
| Equador | 9 | 4 | 2 |
| Guiana Francesa | 6 | 3 | - |
| Peru | 48 | 19 | 5 |
| Venezuela | 37 | 5 | 4 |

A classificação das línguas em famílias requer uma pesquisa linguística comparativa histórica cuidadosa e depende de dados linguísticos descritivos confiáveis e bem analisados. Principalmente na Amazônia, esses dados nem sempre estão disponíveis e, diante da situação de risco da maioria das línguas amazônicas, os pesquisadores enfrentam uma corrida contra o relógio. A relevância científica da diversidade linguística genealógica da Amazônia tem ramificações em outros campos da ciência,

² Baseado em Crevels (2012) e Moore (2007).

Capítulo 12

como a arqueologia. A distribuição geográfica das famílias de línguas pode ser mostrada em um mapa usando cores diferentes e pode ajudar a reconstruir padrões de demografia pré-histórica e migrações. O Mapa 1 mostra a diversidade linguística da Amazônia.



Mapa 1. Diversidade linguística da Amazônia

Além disso, quanto maior a diversidade dentro de uma família linguística em uma região específica, mais provável é que a família linguística tenha se originado ali.

Capítulo 12

Portanto, estima-se que o centro de origem da família linguística Tupi esteja na região de fronteira dos estados brasileiros de Mato Grosso e Rondônia. A classificação das línguas envolve a reconstrução de mudanças sonoras e palavras, tais como termos para cultura material e imaterial, tecnologia de subsistência e características da natureza e da paisagem. Conseqüentemente, a linguística comparada pode nos ensinar não apenas sobre onde as pessoas viviam, mas também sobre como viviam.

A linguística comparativa também envolve o estabelecimento de uma profundidade de tempo relativa entre línguas da mesma família. O método histórico comparativo pode olhar para trás no tempo, talvez até 7.000 anos. Além disso, as línguas podem ter mudado tanto que não é possível estabelecer qualquer relação familiar. Esse também é um dos fatores que podem explicar a existência de isolados de linguagem. Outra explicação possível para o status isolado de uma língua é que todas as outras línguas da mesma família morreram. Com mais de 10 isolados de línguas nas cabeceiras dos rios Guaporé e Mamoré, uma região do tamanho da Alemanha, o sudoeste da Amazônia abriga uma das maiores concentrações de isolados linguísticos do planeta.

Por definição, os isolados de idioma não compartilham um ancestral comum com nenhum outro idioma conhecido e, portanto, são genealógicamente únicos. Conseqüentemente, seus vocabulários tendem a ser completamente diferentes e podem exibir propriedades estruturais que nunca foram atestadas para qualquer outro idioma. Por outro lado, o fato de qualquer idioma, incluindo isolados, também compartilhar propriedades com outros idiomas também pode ser o resultado do contato de idioma, ou pode apontar para traços ou tendências que são universais na linguagem humana. Portanto, a pesquisa das estruturas gramaticais de todas as línguas não é apenas relevante para o estudo tipológico da linguagem, mas também pode ter grande importância para o estudo da cognição e do cérebro humano.

4. DIVERSIFICAÇÃO DE IDIOMA E MUDANÇA ATRAVÉS DO CONTATO

Os idiomas podem mudar por meio do contato com outros idiomas. O contato linguístico ocorre em situações de bi ou multilinguismo, ou quando pessoas que não falam a língua umas das outras estão em contato (Thomason 2001; Winford 2003). Os principais indicadores de contato com o idioma são palavras emprestadas, mas os idiomas também podem sofrer influência em seus sistemas de som e em sua gramática.

Capítulo 12

Devido ao contato, os idiomas podem apresentar semelhanças específicas com outros idiomas, embora não sejam genealogicamente relacionados. Um dos desafios da linguística comparada está em distinguir o sinal de contato do sinal genealógico (Campbell 1998). Vestígios de contato com a língua e conhecimento sobre a direcionalidade da influência linguística podem ser altamente relevantes para nossa compreensão das relações culturais, sociais e comerciais presentes e passadas entre as populações.

O contato com o idioma pode levar ao surgimento de novos idiomas. Quando grupos diferentes não entendem os idiomas uns dos outros, eles podem criar uma linguagem gramaticalmente simplificada com um vocabulário limitado, conhecido como *pidgin*. As línguas pidgin não são faladas como língua materna e são usadas em contextos específicos, como para fins comerciais. Em situações mais profundas ou dramáticas de contato intercultural, uma língua pidgin pode ser a única língua disponível para a nova geração e resultar em uma nova língua que é falada como primeira língua. No contexto do tráfico atlântico de escravos, surgiram muitas línguas *crioulas*: línguas com um léxico que tende a se originar das línguas dominantes envolvidas no contato e uma gramática que não pode ser rastreada até nenhuma língua específica, mas que pode refletir traços universais. Um exemplo amazônico de língua crioula é o Kheuól, que se baseia no léxico francês e é falado pelos povos Karipuna do Amapá e Galibi-Marworno (Ferreira e Alleyne 2007).

Outro tipo de novo idioma é um idioma *misto entrelaçado* ou *bilíngue*. Essa língua pode surgir em raras circunstâncias sociais, quando um novo grupo étnico surge de dois grupos étnicos diferentes e sente a necessidade de ter uma língua própria. Essas línguas mistas tendem a ser compostas dos componentes gramaticais e lexicais das línguas contribuintes. Um exemplo indígena sul-americano é a ilha Caribe, que é uma língua com estrutura gramatical e léxico caribenhos que surgiu quando homens que falavam caribes massacraram os homens de um grupo que falava Arawak e se casaram com suas mulheres. Seus filhos adquiriram a gramática de suas mães e o léxico de seus pais (Hoff 1994).

Pidgins, crioulos e línguas mistas não podem ser classificados de forma satisfatória em famílias, porque eles não têm um único ancestral claro. Os crioulos e as línguas mistas são muito raros na região amazônica. No entanto, essas línguas são faladas nativamente

Capítulo 12

e passam por processos de mudança linguística ao longo do tempo como qualquer outra língua. Portanto, não se pode excluir a possibilidade de que certas famílias ou isolados de línguas amazônicas conhecidas tenham começado como crioulos ou línguas mistas há muitos séculos. Quase não existe documentação e pesquisa sobre as línguas indígenas amazônicas pidgin. Uma explicação para a relativa ausência de novas línguas induzidas por contato na Amazônia combina a enorme diversidade de línguas de certas regiões com tradições generalizadas de multilinguismo.

Situações de contato linguístico de longo prazo e multilinguismo em uma região específica podem resultar na difusão de traços lexicais, fonológicos e gramaticais entre os idiomas, independentemente de sua classificação genealógica (Hickey ed. 2017; Matras *et al.* 2006; Muysken ed. 2008). Com o tempo, digamos, vários séculos, as línguas envolvidas podem vir a se parecer umas com as outras e formar a chamada *área linguística* ou *Sprachbund*. Um exemplo clássico é a região dos Balcãs, onde as línguas eslava, albanesa, romena, turca, romani e grega têm certos traços em comum que são desconhecidos entre outras línguas eslavas, românicas e turcas fora da região. A região amazônica contém várias áreas linguísticas, a mais famosa e marcante sendo a região do Alto Rio Negro, onde as línguas tucanoana, arawakan, naduhup e kakua-nukak compartilham traços gramaticais que não são compartilhados com línguas genealogicamente relacionadas fora da região (Aikhenvald 2002; Epps e Stenzel eds. 2013; Epps e Michael 2017). Os círculos pontilhados no Mapa 1 indicam algumas áreas linguísticas da Amazônia.

5. VARIAÇÃO DE IDIOMA

Tanto a mudança histórica de linguagem quanto a mudança de linguagem induzida por contato são tipos de variação linguística. Na verdade, a variabilidade é uma característica importante de qualquer idioma. O que normalmente é chamado de “linguagem” não é uma entidade claramente definível. Uma língua viva pode variar ao longo do tempo, por região, entre estratos sociais, de acordo com a ocupação, sexo ou idade, dependendo do público, etc. A documentação e descrição de grandes línguas europeias, como espanhol, inglês ou alemão, cobre centenas de anos de variação social, regional e outros tipos. O estudo dessas línguas ocupa grandes porções de arquivos e bibliotecas e resulta em muitos novos livros e projetos digitais a cada ano. O contraste com as línguas amazônicas não poderia ser maior. Temos sorte se uma língua

Capítulo 12

amazônica pode se orgulhar de uma única descrição gramatical abrangente, e muitas línguas amazônicas não estão documentadas. No entanto, as línguas amazônicas são tão ricas e variáveis quanto qualquer outra língua e, felizmente, a documentação e o estudo da variação dialetal, estilos de fala, uso especializado da linguagem e arte verbal estão começando a receber a atenção de que precisam (por exemplo, Beier *et al.* 2002; Hildebrandt *et al.* 2017).

Alguns exemplos concretos: A língua Hup (Naduhup) da fronteira Brasil-Colômbia possui três áreas dialetais onde a pronúncia, o significado das palavras e a gramática podem ser diferentes. E as línguas Mondé (Tupi) das etnias Zoro, Cinta Larga, Gavião e Aruaá do Brasil são, na verdade, dialetos diferentes de uma mesma língua. Eles são mutuamente inteligíveis, embora cada grupo possa insistir que o outro grupo “fala diferente”. Várias línguas amazônicas têm variedades de fala separadas para homens e mulheres. Em Kukama-Kukamiria (possivelmente crioulo tupi-guaraniano) do Peru e da Colômbia, por exemplo, homens e mulheres usam pronomes pessoais diferentes. Muitos grupos indígenas, por exemplo os Yanomami do Brasil e Venezuela, os Kalapalo (Cariban) do Brasil e os Nanti (Arawakan) do Peru, realizam diálogos cerimoniais em rituais de saudação, contação de histórias, reportagens e outras ocasiões especiais. Esses são apenas alguns exemplos de variação da linguagem na região amazônica. Um dos primeiros sinais de perigo da linguagem é a perda dessa variação. Quanto mais uma população muda para outra língua, ou quanto mais seus costumes sociais estão sob pressão externa, menos possibilidades e oportunidades haverá para variações dialetais, sociais ou outras na língua original.

6. VITALIDADE E PERIGO DA LINGUAGEM

Como mencionado acima, muitas línguas amazônicas se extinguíram nos últimos séculos. As línguas podem se tornar obsoletas e desaparecer de maneiras diferentes. Isso pode acontecer quando as línguas mudam em um processo histórico gradual.

Alternativamente, as pessoas podem abandonar sua língua nativa e mudar para outra língua existente, geralmente por razões econômicas, políticas ou outras. As línguas também podem se extinguir quando seus falantes morrem, por exemplo, devido a desastres naturais ou devido a práticas genocidas.

O surgimento e a extinção das línguas podem ser considerados um processo natural que sempre existiu. No entanto, desde o início da expansão colonial europeia no século 15, o

Capítulo 12

ciclo foi definitivamente quebrado e muito mais línguas estão se extinguindo do que novas línguas emergem; durante o século passado, esse processo foi até acelerado. Isso levou a um declínio dramático da diversidade linguística e do patrimônio histórico e cultural imaterial nela contido.

No entanto, muitas línguas sobrevivem hoje na Bacia Amazônica. Até 200 grupos indígenas isolados ou contatados recentemente (CIDH 2013; Loebens e Neves eds. 2011; Ricardo e Gongora eds. 2019) continuam a falar suas línguas. Grupos indígenas amazônicos lutam para manter suas línguas dentro e fora de seus próprios territórios. Nas cidades, por exemplo, a língua nacional é dominante e o uso de línguas indígenas é frequentemente estigmatizado. O desenvolvimento de políticas linguísticas pode neutralizar o preconceito e apoiar o uso de línguas indígenas como um direito fundamental. Essas políticas podem encorajar as pessoas a falar sua língua local. No entanto, fatores socioeconômicos podem diminuir o impacto de tais políticas.

Existem diferentes propostas para medir o grau de perigo de linguagem ou vitalidade (Wurm ed. 1996; Krauss 2007; Brenzinger 2008; Moseley 2009; Lewis e Simons 2010; Campbell 2017; Hammarström *et al.* 2018; Lee e Van Way 2018). A maioria deles criou categorias para os diferentes graus de perigo, como vital, vulnerável, em perigo grave, criticamente em perigo. A avaliação do perigo para cada uma das 2.464 línguas incluídas no *Atlas da UNESCO das línguas ameaçadas de extinção do mundo* (Moseley ed. 2010) foi baseada em nove fatores de avaliação da vitalidade linguística. Esses fatores, listados na Tabela 3, foram estabelecidos por um grupo ad hoc de linguistas da UNESCO (2003).

Tabela 3. Fatores avaliativos para vitalidade da linguagem (UNESCO 2003)

| | |
|---------|---|
| Fator 1 | Transmissão de linguagem intergeracional |
| Fator 2 | Número absoluto de falantes |
| Fator 3 | Proporção de falantes na população total |
| Fator 4 | Mudanças nos domínios do uso da linguagem |

Capítulo 12

| | |
|---------|---|
| Fator 5 | Resposta a novos domínios e mídia |
| Fator 6 | Disponibilidade de materiais para ensino de línguas e alfabetização |
| Fator 7 | Atitudes e políticas de linguagem governamental e institucional, incluindo status oficial e uso |
| Fator 8 | Atitudes dos membros da comunidade em relação à sua própria língua |
| Fator 9 | Tipo e qualidade da documentação |

O número de falantes (Fator 2) e sua proporção em relação à população total (Fator 3) são critérios importantes para avaliar a vitalidade da linguagem. Infelizmente, esses números muitas vezes não são claramente especificados, o que pode levar a confusão e dados não confiáveis, conforme observado por Moore (2007). O povo Yawalapiti do Brasil compreende 262 indivíduos, enquanto o povo Ocaina do Peru soma apenas 150. No entanto, a língua Yawalapiti tem no máximo 5 falantes (Troncarelli 2021), enquanto cerca de 50 pessoas falam a língua Ocaina (Crevels 2012). Isso significa que apenas 2% da população Yawalapiti fala a língua, enquanto 33% da população Ocaina fala a língua.

Além do número de alto-falantes, é preciso considerar outros fatores. A transmissão da língua entre as gerações (Fator 1) é um fator crucial. Se a maioria dos falantes se limita às gerações mais velhas, isso é um sinal de que as crianças não estão mais aprendendo a língua. Mesmo que uma língua ainda tenha milhares de falantes, quando não é transmitida às próximas gerações, seus dias estão contados.

As populações amazônicas sempre fizeram parte de extensas redes sociais. A coexistência e o compartilhamento de atividades sociais, como rituais, festividades, casamentos mistos, etc., têm incentivado as pessoas a aprenderem mais de um idioma. O “Povo do Centro” colombiano representa um complexo cultural no qual convergem sete grupos etnolinguísticos, falando diferentes línguas de três famílias linguísticas e um isolado: Murui-Muina, Ocaina e Nonuya (Witotoan), Bora-Miraña, Muinane (Boran), Resígaro (Arawakan) e Andoque (isolado). Apesar das diferenças linguísticas, a comunicação é possível graças a um background sociocultural comum subjacente às

Capítulo 12

tradições orais (heróis míticos, gêneros discursivos semelhantes). Em cerimônias ou festivais de cura, por exemplo, cada comunidade usa sua própria linguagem; o sucesso da comunicação reside no conhecimento mútuo, ativo ou passivo, parcialmente sustentado por casamentos e alianças interétnicas. O contato crescente com a sociedade ocidental também tem motivado as pessoas a aprenderem línguas nacionais, como o espanhol ou o português. No entanto, parte de uma população ainda é monolíngue em língua indígena, especialmente aqueles pertencentes a gerações anteriores. Jovens e adultos costumam ser bilíngues ou mesmo multilíngues.

Apesar do multilinguismo que caracteriza muitas populações amazônicas, as línguas indígenas são progressivamente usadas em menos domínios (Fator 4). Dependendo do contexto particular, isso pode ser devido a uma ideologia linguística que associa as línguas indígenas a um baixo nível educacional, pobreza ou ruralidade, e as línguas nacionais ao desenvolvimento social, cultural e econômico. Isso promove a discriminação e a vergonha dos falantes da língua local, levando-os a evitar falar sua língua em público, por exemplo. Além disso, os domínios linguísticos dominantes de oportunidades de trabalho e avanço socioeconômico motivam a mudança para uma língua nacional ou global. Por qualquer uma dessas razões, falar uma ou várias línguas indígenas não é visto como uma vantagem (Fator 8), e essas línguas podem perder domínios de uso.

7. POLÍTICAS OFICIAIS DE APOIO À MANUTENÇÃO DE LÍNGUA

Os governos tendem a ter políticas diferentes, dependendo se consideram a diversidade linguística um problema ou um direito (Fator 7). Na Bolívia, as línguas indígenas são oficialmente reconhecidas em nível nacional por meio do artigo 2 da Constituição. Da mesma forma, de acordo com as Constituições do Peru e da Colômbia, as línguas são oficialmente reconhecidas nos territórios onde são faladas. Outros países como Equador e Venezuela afirmam em suas Constituições que as línguas indígenas são oficiais para os grupos que as falam. Somente na Bolívia o uso de pelo menos dois idiomas em suas atividades governamentais é exigido por lei. Enquanto um deles deve ser espanhol, o outro pode ser uma língua indígena de acordo com a conveniência. Em outros países amazônicos, o uso de línguas indígenas é oficialmente reconhecido apenas onde são predominantes. No município brasileiro de São Gabriel da Cachoeira, as línguas Nheengatú, Baniwa e Tukano têm status co-oficial.

Capítulo 12

Como mostra a tabela 4, alguns países amazônicos desenvolveram leis adicionais com relação às línguas indígenas. O Brasil inclui o direito constitucional de manter as línguas nativas e tem uma política de idiomas em sua lei educacional. Nos últimos anos, o Equador abriu o debate em torno da relevância de se ter uma política linguística nacional. Além disso, organizações indígenas em toda a Amazônia têm empreendido iniciativas para promover o reconhecimento de suas línguas como parte dos direitos indígenas. No Peru, o Governo Territorial Autônomo das Nações Wampis declarou a necessidade de continuar a transmitir a língua Wampis e de garantir a educação nela. Apesar de tais avanços, os falantes de línguas indígenas continuam enfrentando sérias dificuldades para usar sua língua em locais públicos ou ao tentar acessar serviços governamentais.

Tabela 4. Política de idioma para línguas indígenas

| País | Título | Ano |
|-------------|--|------------|
| Bolívia | Constituição | 2009 |
| | Lei geral de direitos e políticas linguísticas (N ° 269) | 2012 |
| Brasil | Constituição | 1988 |
| | Lei de Diretrizes e Bases da Educação (N ° 9.394 / 96) | 1996 |
| Colômbia | Constituição | 1991 |
| | Lei das línguas (N ° 1381) | 2010 |
| Equador | Constituição | 2008 |
| Peru | Constituição | 1993 |
| | Lei que regula o uso, preservação, desenvolvimento, recuperação, promoção e divulgação das línguas originais do Peru (N ° 29735) | 2011 |
| Venezuela | Constituição | 1999 |
| | Lei das línguas indígenas | 2008 |

O ensino de línguas indígenas nas escolas é uma das estratégias de manutenção da língua que é apoiada por políticas em alguns países. Por volta de meados do século 20, os estados amazônicos começaram a desenvolver planos de educação bilíngue com a

Capítulo 12

participação do evangélico Summer Institute of Linguistics (SIL). Após acordos oficiais com os estados e ministérios da educação, linguistas missionários da SIL foram enviados para vários países e estabeleceram bases próximas às terras indígenas. Um de seus métodos foi a formação de professores indígenas para abrir escolas nas comunidades e passar a lecionar na sua própria língua e também na nacional. Posteriormente, setores educacionais de diferentes países amazônicos assumiram a responsabilidade pela educação indígena e pela criação de materiais pedagógicos. Por exemplo, no Equador, um sistema de educação intercultural bilíngue (DNEIB) foi criado em 1988. E o governo peruano propôs estender a educação intercultural bilíngue às escolas de segundo grau em seu plano até 2021. Outras estratégias de manutenção dizem respeito aos serviços de tradução e interpretação do governo, assim como no Peru, desde 2012. Além disso, a mídia oficial de TV produziu um noticiário com Ashaninka falando em língua indígena.

8. DOCUMENTAÇÃO

Todas as línguas amazônicas continuam ameaçadas de extinção em algum grau. Portanto, a documentação e a descrição do idioma profissional são de extrema importância (Fator 9). A descrição do idioma deve consistir, pelo menos, em uma gramática abrangente, dicionário e coleção de textos. Após o alarme internacional da década de 1990 sobre a crise global de extinção da linguagem, os linguistas intensificaram os esforços para documentar as línguas e, na virada do século, a documentação tornou-se uma subdisciplina da linguística. Isso foi ainda incentivado pela revolução digital que criou a internet e que permitiu o registro audiovisual de alta qualidade, usando equipamentos de campo altamente portáteis disponíveis a um custo relativamente baixo. A documentação linguística moderna consiste na criação de um registro de arquivo permanente abrangente de uma língua usada em diferentes contextos sociais e culturais, representando o mais amplo possível uma gama de diferentes variedades e tipos de discurso (Gippert *et al.* 2006; Woodbury 2003). Durante as últimas décadas, vários programas de documentação de cultura e idioma local e internacional apoiaram projetos na Amazônia, e um número considerável de idiomas possui registros audiovisuais substanciais em arquivos digitais online devidamente catalogados na Europa, Estados Unidos e Brasil. Esse material pode ser usado como base para material pedagógico e tem o potencial de alimentar esforços de revitalização da linguagem. Algumas das questões complexas envolvidas nos arquivos de línguas

Capítulo 12

indígenas incluem acessibilidade online, direitos diferenciais de uso e questões de privacidade (Seyfeddinipur *et al.* 2019). Apesar desses desenvolvimentos, a maioria das línguas amazônicas ainda carece de descrição e documentação adequadas, ao passo que esta costuma ser uma das principais demandas dos grupos indígenas com relação à língua (Galucio *et al.* 2018). Como mostra a experiência, a documentação tende a ser desesperadamente procurada quando um idioma desaparece. Uma das soluções possíveis seria criar centros de documentação regionais e arquivos de idiomas, onde os povos indígenas podem desenvolver suas próprias iniciativas de documentação.

9. CONDUTORES DE MUDANÇA: ALGUNS EXEMPLOS

Embora a mudança seja natural, a região amazônica está perdendo diversidade linguística em um ritmo alarmante que parece apenas aumentar. Para entender como os impulsionadores dessa mudança operam, é útil lembrar que a vitalidade da linguagem requer uma massa crítica de falantes que vivam na mesma área e que essa população deve ter confiança de que sua língua tem futuro, que será um meio produtivo do sustento de seus filhos e também de seu bem-estar social. Motores de mudança são fatores que podem ameaçar essas condições.

Movimentos missionários cristãos, epidemias e uma sucessão de booms de extração (casarilla, quinino, borracha, peles de animais selvagens, petróleo e mineração) têm sido os principais responsáveis pela perda da língua. Três movimentos religiosos em particular se destacam pela extensão de seu impacto: os jesuítas católicos (1600-1767), os salesianos católicos (1880 até hoje) e o protestante *Summer Institute of Linguistics / Wycliffe Bible Translators* (1945-1970). Apesar das diferenças, esses dois grupos eram semelhantes no sentido de que ambos tinham políticas linguísticas bem desenvolvidas, estratégias pan-amazônicas, funcionavam como instituições (quase) governamentais e eram motivados pelo zelo cristão. Significativamente, ambos foram eventualmente expulsos da região porque seu domínio sobre a população nativa excedia ou rivalizava com o do estado.

Em 1668, o bispo Alonzo de la Peña Montenegro estabeleceu uma política linguística para os padres missionários que trabalhavam em todo o Reino de Quito, que na época incluía todas as reivindicações espanholas na Amazônia em uma grande obra intitulada *Itinerario para Parrachos de Indios*. Embora seus escritos digam respeito mais diretamente ao que hoje são o Equador e o Peru, eles têm implicações para a região

Capítulo 12

mais ampla sob sua jurisdição. Nessa obra, o bispo determinou que todos os padres missionários devem aprender uma língua indígena. (De La Peña Montenegro 1668: 21). Ao mesmo tempo, ele reconheceu que em algumas missões havia muitos idiomas para um único sacerdote aprender. Ele cita San Jose de Avila em um afluente do Rio Napo, onde oito línguas diferentes eram faladas. Como seria impossível aprender tudo isso, ele determinou que uma língua regional deveria ser selecionada e ensinada aos falantes de línguas menores (De La Peña Montenegro 1668: 32).

A seleção dos jesuítas de qual idioma usar foi baseada em parte em uma hierarquia moral baseada em suas crenças sobre as origens da diversidade linguística. Segundo o padre Bernardo Recio, uma primeira divisão em 60 línguas primárias “foi ordenada por Deus nosso Senhor para o bem da humanidade” na torre de Babel. Essas línguas correspondem às civilizações agrárias organizadas em aldeias regidas pela razão e pela lei natural que os jesuítas procuraram criar em suas reduções como precursores de uma sociedade cristã convertida. Uma dessas línguas, segundo Recio, é a “língua do Inca” que no dialeto de Quito se chama “Quichua”. Quichua, escreve ele, “é genuinamente, e por si mesmo, uma língua, e como raiz e fonte de muitas línguas, pode-se supor que estava entre os sessenta e dois da torre de Babel” (Recio [1773] 1947: 413- 414)³. Embora o kichwa fosse apenas a língua de missões em certas áreas da Amazônia ocidental, a opinião exaltada de Recio sobre essa língua é um indicativo de atitudes jesuítas mais amplas em relação às línguas comerciais que eles selecionaram. Em contraste, o que Recio chama de “a muito estranha divisão das línguas gentílicas” nas faladas pelos grupos menores de povos amazônicos, não eram em sua opinião, obra de Deus, mas degenerações inspiradas pelo demônio, ou como ele coloca ele, aquele “inimigo da raça humana para tornar o remédio para sua saúde [a pregação do evangelho] mais difícil e até impossível” (Recio [1773] 1947: 465) Como tais, essas línguas não eram consideradas capazes de comunicação civilizada ou moral racional e, portanto, não deveriam ser preservados. Para o seu próprio bem, era moralmente permissível capturar os falantes dessas línguas e ensinar-lhes a linguagem moral racional da missão.

³ “Quichua” é a grafia colonial usada por Recio para o idioma agora oficialmente escrito “Kichwa” no Equador.

Capítulo 12

É claro que os indígenas amazônicos não mudavam de idioma apenas para agradar aos jesuítas. O processo foi complexo. Jornais missionários desse período retratam uma região em grande mobilidade, com falantes de uma língua frequentemente se mudando para o território de outro grupo para escapar de epidemias ou invasores de escravos, às vezes deslocando grupos que já haviam vivido lá antes. O colapso populacional combinado com a mobilidade provavelmente levou ao casamento entre pessoas que falavam diferentes línguas menores, mas compartilhavam uma linguagem comercial em comum. Embora os dados sejam limitados, parece claro que a ruptura colonial do período jesuíta levou à perda de muitas línguas menores. Das oito línguas que Peña Montenegro conhecia e que estavam presentes na missão de Ávila no século XVII, apenas o Kichwa permaneceu no século XIX. Em tudo isso, a infraestrutura da missão jesuíta desempenhou um papel na determinação de quais línguas sobreviveram e passaram a ser vistas como línguas mais civilizadas ou cristãs. É importante notar que o beneficiário desta redução da diversidade não foi o espanhol ou o português, mas sim as línguas nativas comerciais regionais, bem como um aumento da capacidade bilíngue nessas línguas. Em 1767, os jesuítas foram expulsos das colônias espanholas e portuguesas e as missões caíram no abandono.

Na década de 1880, o boom da borracha, que afetou tantos outros aspectos da vida amazônica, também teve um grande impacto, resultando na expansão de algumas línguas e na extinção ou isolamento de muitas outras. A grande demanda internacional por borracha promoveu a inclusão de uma crescente força de trabalho indígena. Muitos indígenas foram congregados em assentamentos de seringueiras, onde viviam em uma situação precária de superlotação e falta de saneamento. Os capatazes invadiram comunidades indígenas e sequestraram jovens que cresceram trabalhando nos seringais. Outros indígenas chegaram às seringueiras por meio de dívidas também chamadas de *habilitación* (do espanhol que significa autorização em português) *repartos* (do espanhol que significa distribuição em português) ou *endeude* (do espanhol que significa endividamento em português). Isso consistia em uma dívida que nunca poderia ser paga. Cansados do tratamento violento, muitos indígenas fugiram para a floresta e ficaram isolados novamente. Outros indígenas morreram devido às condições precárias em que viviam e à violência física. Desta forma, povos indígenas, *fratrias*, *metades* e *clãs* foram dizimados - ou fisicamente eliminados, por ex. os *Nonuya* e *Tinigua* na Colômbia - comprometendo assim o sistema de alianças matrimoniais e a transmissão de línguas.

Capítulo 12

Embora os jesuítas tenham sido expulsos, outras missões católicas continuaram, às vezes com efeitos devastadores nas culturas e sociedades indígenas. No final do século 19, aldeias missionárias foram estabelecidas na região do Rio Negro. Grupos indígenas locais que fugiam do abuso na extração da borracha foram aliciados ou forçados a se deslocar nas missões, onde foram proibidos de manter suas tradições religiosas e culturais. Com base em fontes publicadas e também em entrevistas pessoais, Epps (2005) relata como as missões salesianas ganharam um controle cada vez maior da região durante a primeira metade do século XX. Uma das primeiras estratégias usadas para destruir o estilo de vida indígena foi erradicar as casas comunais, demonizando-as como sujas, promíscuas e infernais. Além disso, eles fizeram campanha para ridicularizar e difamar as práticas xamânicas e destruíram ativamente objetos rituais e instrumentos musicais cerimoniais. Eles substituíram as tradições indígenas por rituais e doutrinas católicas. Os salesianos inicialmente abordaram as línguas indígenas com desdém, mas depois viram que o uso de uma língua local seria vantajoso e promoveram a língua tukano, que então ganhou prestígio e domínio na região. Uma das táticas mais devastadoras e testadas contra a língua e cultura indígenas foram os internatos de missão, onde as gerações mais jovens foram separadas e alienadas de suas famílias e cultura, receberam punições corporais por falarem sua língua nativa e foram doutrinadas com a cultura missionária e religião (Epps 2005).

À medida que o século XX avançava, um impulsionador significativo das mudanças linguísticas e culturais foi a conectividade acelerada das regiões de águas brancas anteriormente isoladas, como as cabeceiras dos afluentes no oeste da Amazônia, onde reside a maior concentração de famílias de línguas e isolados de línguas. Na ausência de estradas e pistas de pouso, a geografia acidentada dessas áreas criou zonas de refúgio, limitando o contato não apenas com o estado, mas também entre as línguas indígenas. Os acontecimentos durante a Segunda Guerra Mundial começaram a quebrar esse isolamento. Na década de 1930, para atender às demandas crescentes da guerra, por exemplo, a Standard Oil no Peru e a Royal Dutch Shell no Equador construíram estradas e pistas de pouso para facilitar a extração no coração de áreas onde viviam grupos isolados. Dinâmica semelhante ocorreu em outros países. A necessidade de mão de obra indígena nessas indústrias extrativas trouxe grupos anteriormente isolados que falam línguas indígenas em uma força de trabalho comum.

Capítulo 12

No período imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, o *Summer Institute of Linguistics* (SIL ou ILV por sua sigla em espanhol) firmou contratos com os ministérios da educação em vários países amazônicos (Peru 1945, Equador 1952, Bolívia 1955, Brasil 1956, Colômbia 1962, Suriname 1967) (CEAS 1979). Sua missão era desenvolver sistematicamente ortografias para todas as línguas amazônicas, traduzir a Bíblia para cada uma dessas línguas e ensinar os povos indígenas a lê-las. Para isso, eles criaram grandes campos-base norte-americanos em Yarinacocha no Peru, Limoncocha no Equador, Loma Linda na Colômbia, Porto Velho no Brasil e Tumi Chucua na Bolívia. Consultores nativos de muitas línguas pequenas foram trazidos para morar nas residências nessas bases durante o ano acadêmico. Durante os meses de verão, os lingüistas da SIL iriam morar nas comunidades de consultores de onde esses informantes eram. Para facilitar a viagem entre o grupo indígena e o acampamento-base, eles criaram pistas de pouso nesses locais remotos. Essa estratégia aumentou muito a comunicação entre os grupos linguísticos nas bases e também com o estado.

A política linguística da SIL diferia da dos jesuítas de maneiras significativas. Baseando-se nos argumentos de Martin Luther e John Wycliffe para traduzir a Bíblia para o alemão e o inglês, eles argumentaram que a Bíblia poderia ser traduzida para qualquer idioma sem perder qualquer significado significativo. Na prática, isso significava que, ao contrário dos jesuítas que atribuíam maior valor moral às línguas regionais, eles viam todas as línguas como estruturas moralmente neutras e intercambiáveis. Na verdade, eles pareciam priorizar as línguas amazônicas mais remotas ou mesmo as não contatadas, como sua missão mais famosa entre os Wao Tededo (Waorani) no Equador (Long 2019).

Além disso, a SIL foi religiosamente motivada a criar leitores alfabetizados em cada língua amazônica. Isso significa que eles criaram não apenas dicionários e gramáticas, mas também materiais didáticos em língua nativa para as séries 1-6. Eles também usaram suas bases amazônicas para treinar os primeiros professores bilíngues em muitas das línguas amazônicas, tudo isso fora do contexto comunitário. O legado do SIL para as línguas indígenas foi misto. Por um lado, a visibilidade e o prestígio, das línguas menores aumentaram. Os contratos da SIL com os ministérios da educação deram a esses grupos linguísticos um contato mais direto com o estado, o que provavelmente retardou sua assimilação em favor das línguas regionais maiores que anteriormente serviam como intermediários. Ao criar sistematicamente roteiros que se assemelhavam

Capítulo 12

ao espanhol e ao português, eles facilitaram a integração bilíngue ao espanhol ou português do estado. Ao fazê-lo, no entanto, eles também deixaram para trás uma controvérsia persistente entre essas escritas mais antigas que se assemelhavam às das línguas ibéricas e as escritas adotadas pelos movimentos indígenas mais recentes que enfatizavam a diferença. Pesquisas da SIL sobre a diversidade de línguas amazônicas aumentaram o número de línguas e dialetos reconhecidos. Eles também criaram o Etnólogo (Eberhard et al. 2021), no qual muitos contam para obter estatísticas sobre a variedade e vitalidade das línguas amazônicas. Ao mesmo tempo, a SIL é uma organização missionária conservadora norte-americana dedicada a minar as práticas cerimoniais indígenas tradicionais, declarando-as demoníacas e convertendo grupos indígenas que ainda vivem em isolamento voluntário. Como essas práticas foram eventualmente vistas como incompatíveis com servir como um braço do Ministério da Educação em um estado leigo, a SIL perdeu seus contratos em toda a região na década de 1980.

À medida que a comunicação com áreas linguísticas remotas se abriu na primeira metade do século XX, os falantes dessas línguas menores gradualmente se tornaram mais integrados como membros votantes do estado. O serviço militar nacional trouxe jovens desses diferentes grupos de línguas a um contato constante entre si e ajudou a forjar uma identidade linguística comum como, por exemplo, peruanos, brasileiros ou equatorianos que falavam a língua do estado. Para as moças durante esse período, muitas vezes era o casamento com um homem mestiço ou a experiência de trabalhar como empregada doméstica residente em uma cidade regional que proporcionava contato contínuo com o idioma nacional.

Nestes novos contextos, os pais da geração contemporânea muitas vezes experimentaram sérias discriminações linguísticas, levando-os a encorajar seus filhos a falar espanhol ou português para evitar o sofrimento que eles sofreram. As línguas do estado não foram as únicas beneficiárias da discriminação linguística. Acelerar a conectividade também criou hierarquias entre as línguas nativas. Línguas menores contatadas mais recentemente eram frequentemente vistas como atrasadas ou selvagens quando comparadas às línguas maiores e mais cosmopolitas das missões, como Kichwa ou Língua Geral. Como resultado, línguas nativas menores perderam falantes para línguas nativas maiores e estas para as línguas do estado.

Capítulo 12

Talvez o maior fator de perda da língua, no entanto, seja uma mudança no tipo de emprego que os jovens aspiram. Como a perda de terras, o desmatamento e o esgotamento de animais selvagens tornaram mais difícil sustentar uma família em seu território indígena, muitos procuram empregos fora de seus territórios, muitas vezes trabalho sazonal em campos petrolíferos, como no Equador, ou outros tipos de extração ou na agricultura. Para empregos administrativos, a educação formal é necessária e, embora os governos em toda a Amazônia tenham se comprometido a fornecer o ensino da língua nativa, persistem sérias dificuldades. Por exemplo, muitas comunidades nativas são muito pequenas para atender ao limite do número de crianças necessário para tornar-se uma escola econômica ou administrativamente viável e muitas vezes há uma escassez de professores qualificados dispostos a servir em áreas remotas. Como resultado, muitas famílias no Equador, no Brasil e em outros lugares mandam seus filhos para escolas secundárias regionais, onde a língua de ensino é o português ou o espanhol. Como resultado, essas línguas tendem a se tornar o meio preferido de comunicação social entre os adolescentes, além de exemplificar o tipo de discurso educado com maior probabilidade de levar ao emprego desejado. Quando combinados, esses domínios linguísticos representam o que muitos falantes percebem como a linguagem de um bom futuro. As crianças que frequentam essas escolas falam melhor espanhol ou português e podem conseguir empregos melhores do que seus primos que permaneceram em suas comunidades sem frequentar o ensino médio. Muitas vezes, porém, a expectativa de um futuro melhor acaba sendo uma miragem. Muitos jovens indígenas que concluíram o ensino médio não podem continuar seus estudos devido à pobreza, escolas de segundo grau abaixo do padrão, discriminação e falta geral de bolsas de estudo. Muitos passam a ter domínio do espanhol ou português sem receber as vantagens do emprego desejado no mercado nacional ou global. Com isso, alguns se sentem alienados dos centros urbanos para os quais migram, sem um caminho viável de retorno permanente às suas comunidades de origem.

Em contraste com o prestígio crescente das línguas globais, as línguas nativas tornam-se cada vez mais associadas a domínios de uso percebidos como tendo um futuro mais limitado. Por exemplo, as meninas podem associar sua língua nativa a ser uma experiente jardineira de mandioca ou fabricante de chicha. Os homens associam sua língua nativa a serem caçadores experientes. Embora essas habilidades tornassem uma pessoa altamente desejável, o meio de vida que forneciam tornou-se menos sustentável.

Capítulo 12

Como resultado, um número cada vez maior de jovens aspira a se casar com alguém com ensino médio ou superior e proficiente na linguagem do emprego profissional.

10. O QUE EXATAMENTE ESTÁ SENDO PERDIDO?

É fácil subestimar a extensão da perda de linguagem porque ela ocorre não apenas no número de falantes, mas também de forma menos visível nas funções, domínios e maneiras em que as línguas são usadas. O que está sendo perdido? O trabalho mais amplo da SPA examina as ameaças à biodiversidade da região como um todo. A perda da diversidade linguística está interligada com a destruição ambiental e a perda mais ampla de espécies nos microambientes onde as línguas são faladas. Os amazonenses costumam identificar suas línguas como a fala de um lugar particular, como “a fala do povo do rio Pastaza”. Dentro dessa bacia hidrográfica, os falantes podem ainda quebrar sua língua como a fala de um tributário menor. Acredita-se que essa língua tributária seja a fala não apenas de pessoas, mas também das plantas e animais locais que se pensava ter falado essa língua antes de adquirirem seus corpos animais.

Conseqüentemente, as plantas e animais locais são incluídos na linguagem do lugar como público, interlocutores, tropos e metáforas (Swanson e Reddekop 2017). Canções rituais são cantadas para mandioca, queixada ou macacos peludos. Jogos de palavras humorísticos imitam seus sons. Marcadores sonoros simbólicos e evidenciais são usados para evocar sua presença na conversa. O canto dos pássaros, o vento e a água transmitem canções de amor de esposas para maridos a distâncias. Mesmo onde os ambientes são semelhantes, as línguas distintas dos afluentes vizinhos envolvem esse ambiente de maneira diferente. À medida que aumenta o desmatamento e a extinção local de animais, os lugares empobrecem e as formas de discurso que os engajaram desaparecem. Da mesma forma, quando as línguas desaparecem, desaparece toda uma história do envolvimento cultural humano com esses lugares.

Um exemplo claro é a perda de nomes de espécies. Esses nomes variam muito de um rio para outro e contêm uma riqueza de conhecimento. Por exemplo, nomes de pássaros são frequentemente representações onomatopaicas do som que essas espécies emitiram pela primeira vez ao serem transformadas de um estado anteriormente humano. Quando os nomes se perdem, o mesmo ocorre com a referência às suas histórias e histórias de origem. Esses nomes também trazem consigo sistemas de relação e classificação biológica (Berlin, 2014). Em algumas línguas, as plantas têm nomes de animais que

Capítulo 12

evocam relações simbióticas ou qualidades comportamentais complexas usadas na cura. Por exemplo, uma das espécies de antúrio é chamada de "folha de trompetista" em Kichwa, porque se assemelha à cauda de um pássaro trompetista levantado em sua marcha marchando. Como o pássaro pisa alto ao caminhar, a folha é aplicada como cataplasma para curar as pernas de crianças com dificuldade de andar. Por meio do cataplasma, o comportamento do pássaro é transferido para a criança não apenas pela semelhança na folha, mas também pelo nome da espécie. Quando o nome da espécie de planta se perde, também se perde a analogia comportamental com o pássaro, assim como seu uso na medicina. Relacionado a essas perdas está a relação distinta da Amazônia com a natureza embutida nas línguas nativas. Por exemplo, enquanto as línguas nativas usam os mesmos termos para retratar corpos animais e humanos, as línguas europeias incorporam ideias de superioridade humana à natureza usando termos separados para distinguir a qualidade cultural do corpo humano (mãos, unhas) daqueles que nomeiam os corpos bestiais (por exemplo, inglês: *paws, claws*; espanhol: *patas, garras*) de animais (Nuckolls e Swanson 2017: 71). Quando uma língua europeia substitui uma língua nativa, a relação distinta que ela carregava também se perde. As línguas amazônicas estão tão inseridas em seus microambientes que a perda de espécies empobrece a diversidade linguística e vice-versa. Outra área de perda são os nomes de lugares de rios e montanhas que carregam consigo uma longa história de conhecimento geográfico local.

Outra área importante de perda é a linguagem das relações sociais. As línguas amazônicas também ajudaram a manter a ordem e a coesão social por meio do uso de termos de parentesco, marcadores de evidências que reconhecem a fala dos outros, sufixos que expressam delicadeza emocional, polidez e carinho. À medida que o ambiente social passou a incluir relações mais complexas com cidadãos não aparentados do estado, essa linguagem de ternura, anteriormente usada em discursos públicos para um público mais próximo, passou a soar inadequada e diminuiu e desapareceu. Com a perda de tais formas de expressão, sistemas inteiros de convivência que se desenvolveram ao longo dos séculos são perdidos (Gow 2000). Finalmente, o contato com outras línguas pode influenciar não apenas o vocabulário, mas também a gramática e o sistema de som de uma língua. Consequentemente, as línguas indígenas podem hoje perder algumas de suas características mais distintivas por meio da influência espanhola ou portuguesa. Por exemplo, a língua amazônica Kichwa tende a favorecer mais os

Capítulo 12

verbos e advérbios do que os substantivos. Embora Kichwa use um pequeno conjunto de raízes verbais, isso é amplificado por uma gama impressionante de ideofones e gestos simbólicos sonoros que qualificam ainda mais os eventos expressos por verbos (Nuckolls 1996). Isso dá à linguagem uma capacidade altamente desenvolvida de evocação, ambiguidade, sutileza, multivalência e uso de perspectiva com nuances. Ao mesmo tempo, embora tenha possibilidades gramaticais impressionantes para a nominalização de verbos, falta-lhe os substantivos abstratos agora comuns no discurso técnico, científico e empresarial; bem como a ampla gama de verbos ilocucionários como "ameaçar", "prometer", "ordenar", "concluir", que facilitam a comunicação técnica e jurídica precisa em línguas europeias (Nuckolls e Swanson 2018: 179). Por meio do contato contínuo com o ensino de línguas europeias, a língua nativa de falantes especialmente mais jovens pode sofrer a perda de certas distinções fonológicas específicas, como tom e laringealização, e distinções gramaticais como evidências e marcadores de perspectiva. Por exemplo, o elaborado sistema de maiúsculas e minúsculas usado por falantes Wao Tededo (isolados) mais velhos no Equador está desaparecendo rapidamente na fala dos jovens. Pessoas mais jovens acostumadas a escrever também são muito menos propensas a usar os gestos e ideofones que caracterizaram a narração de histórias de seus anciãos.

11. IMPORTÂNCIA DAS LÍNGUAS INDÍGENAS EM NOVOS CONTEXTOS

Entre os muitos impulsionadores da mudança linguística, também existem alguns que favorecem o florescimento das línguas nativas. Nos últimos anos, a Amazônia viu uma onda de conectividade por meio da mídia social, especialmente Facebook e WhatsApp. Muitos membros do ensino médio e jovens adultos de grupos ainda mais remotos agora têm contas. Na verdade, pode ser que quanto mais isoladas as comunidades, mais os jovens busquem avidamente a conectividade que essas mídias oferecem. Embora as mídias sociais certamente estejam criando uma enxurrada de mensagens nos idiomas nacionais, também fornecem um novo fórum para os idiomas nativos. Considerando que a migração leva à perda de idioma ao tirar um domínio público onde uma língua indígena pode ser dominante e livre de discriminação, as mídias sociais se opõem a essa tendência criando um novo espaço privado que pode conectar comunidades de falantes sem medo de discriminação. Além disso, como as mídias sociais são informais e não são usadas por monolíngues mais velhos, os falantes de línguas indígenas trocam

Capítulo 12

mensagens sem se preocupar em misturar espanhol ou português ou mesmo mudar para essas línguas no meio da frase.

Outro impulsionador da mudança de idioma combatido pelas mídias sociais é a hegemonia das línguas nacionais na transmissão de notícias, artes, entretenimento e esportes. Embora os controles de custo e de licenciamento do governo limitassem o acesso dos nativos às ondas de rádio, as emissoras nativas agora estão prosperando nas redes sociais, evitando esses controles. A maioria dos países amazônicos agora tem redes de comunicadores em línguas nativas ativas nas redes sociais até mesmo em línguas menores como Wao Tededo, Secoya ou Kofán no Equador. Em alguns casos, podem ser informais, mas também incluem vozes institucionais mais formais, como os diretores de comunicação das Nações Indígenas ou organizações. Um migrante Shipibo, por exemplo, agora pode sintonizar uma variedade de ofertas do Facebook com notícias de esportes locais, serviços religiosos, reuniões comunitárias, cerimônias e música tradicional, tudo transmitido em Shipibo através dos *Red de comunicadores indígenas del Perú, filial Ucayali* com nomes como *Shipibo Communications*, *Rádio TV digital Shipibo*. Além disso, ativistas pan-indígenas na Amazônia ocidental agora costumam ter amigos no Facebook de grupos brasileiros tão distantes quanto o Xingu. Portanto, eles estão cientes do orgulho da língua nativa e da revitalização apresentada no Facebook em toda a Amazônia. Até certo ponto, as mídias sociais também estão combatendo a perda de formas mais antigas de linguagem. Assim como agora há cientistas cidadãos registrando contagens de espécies biológicas em telefones celulares, também há jovens documentadores cidadãos registrando histórias de origem de seus avós, canções ou outras formas de discurso ritual com telefones celulares e publicando-as no YouTube, Vimeo ou Facebook. Embora inadequada para a documentação e para a criação de um registro duradouro, a gravação e postagem no celular podem aumentar a conscientização sobre formas de discurso ameaçadas entre outros jovens ativistas que podem seguir o exemplo. Finalmente, a internet abre novos caminhos importantes para a educação das línguas indígenas nos territórios, limitando a migração. Por exemplo, escolas menores podem usar educação à distância. Os vídeos do YouTube em idioma nativo, gravados por idosos em comunidades vizinhas, podem ser usados em aulas em que o professor pode ter conhecimento limitado do idioma local.

Capítulo 12

Assim, embora a maioria dos motores de mudança associados à modernidade trabalhe para diminuir a diversidade linguística, há esperança de que outros possam se opor a essas forças, fornecendo novos caminhos para sua preservação e revitalização.

12. CONCLUSÕES

Este capítulo apresentou um pouco da incrível diversidade das línguas amazônicas, sua vitalidade e também sua vulnerabilidade à perda. A maior parte da diversidade linguística amazônica está concentrada no Oeste, com menos famílias de línguas no Leste. Coincidentemente ou não, essa diferença corresponde aproximadamente às divisões geológicas entre a Amazônia ocidental com solos aluviais andinos muito mais jovens com maior biodiversidade e a Amazônia oriental com solos intemperizados muito mais antigos e menos biodiversidade. As correlações entre a diversidade biológica e linguística são discutidas no capítulo 10.4.

A diversidade linguística da Amazônia está altamente ameaçada de extinção, talvez até mais do que a biodiversidade. O desaparecimento acelerado das línguas pode ser atribuído a cinco séculos de colonização pelos europeus e seus descendentes, que trouxeram doenças, pobreza, violência e genocídio às populações locais. Após a década de 1970, os efeitos da globalização foram adicionados ao declínio geral da diversidade linguística.

Cada idioma representa a herança de séculos de criatividade cultural e intelectual que possui valor científico e cultural para a humanidade como um todo. Com a perda de cada cultura e de cada idioma, a humanidade perde mais uma alternativa e, possivelmente, uma forma única de compreender o mundo que nos rodeia. A sobrevivência de uma língua é interdependente com a integridade de sua comunidade de falantes, que mais uma vez está frequentemente ligada à proteção legal e ecológica de suas terras. Com a perda de uma língua, a sensação de ser um povo distinto com direito a um território fica muitas vezes enfraquecida. É difícil superestimar o que se perde enquanto uma língua amazônica desaparece.

Para combater essas perdas, os povos indígenas estão convocando linguistas para ajudá-los a documentar e codificar suas línguas por meio de registro audiovisual, criando ortografias e compilando dicionários. Além disso, organizações indígenas em toda a região têm pressionado seus governos para garantir os direitos e o reconhecimento

Capítulo 12

formal de seus idiomas e estabelecer programas de educação bilíngue. Isso resultou em um progresso substancial na obtenção de status legal e direitos de educação bilíngue, especialmente para as línguas maiores. Desafios sérios permanecem, no entanto. Frequentemente, as soluções políticas permanecem principalmente no papel, com iniciativas para proteger as línguas indígenas muito subfinanciadas e com falta de pessoal.

13. RECOMENDAÇÕES

Para virar a maré do desaparecimento da diversidade linguística amazônica, é preciso enfrentar os fatores que colocam em risco sua sobrevivência. Esta seção contém uma série de recomendações que são diretamente ou indiretamente benéficas para a manutenção da linguagem na Amazônia.

- Censos nacionais confiáveis sobre línguas, população e número de falantes, níveis de proficiência e situação sociolinguística, realizados por lingüistas profissionais, podem ajudar os governos a saber quais línguas existem e qual é a sua situação. Esse conhecimento é essencial para políticas públicas e campanhas de conscientização.
- As comunidades indígenas devem ser consultadas sobre suas prioridades com relação às políticas linguísticas e suas demandas devem ser atendidas.
- O bi ou multilinguismo deve ser valorizado e não considerado um obstáculo, tanto pela sociedade em geral quanto pelas próprias comunidades indígenas. Não é preciso abandonar a língua nativa para aprender uma língua nacional.
- A educação indígena deve ser melhorada e material educacional de alta qualidade em línguas indígenas deve ser desenvolvido.
- O estudo profissional e a documentação das línguas indígenas devem ser apoiados pelos governos, pois os resultados desse trabalho também formam uma base necessária para o desenvolvimento de material educacional adequado e aumentam as chances de políticas públicas bem-sucedidas no que diz respeito à língua.
- Os territórios indígenas devem ser protegidos contra a degradação ecológica e a presença de estranhos deve ter o consentimento informado de suas populações.
- O desenvolvimento insustentável deve ser evitado e alternativas econômicas devem ser oferecidas em seu lugar.

Capítulo 12

- As populações indígenas isoladas não devem ser contatadas, a menos que elas mesmas tomem a iniciativa para contatar.
- Línguas indígenas, culturas, religiões e outros aspectos da vida indígena devem ser respeitados pela sociedade em geral. Isso requer currículos educacionais adequados, campanhas de conscientização e substituição de estereótipos e mitos por informações confiáveis, entre a população em geral. Somente um público informado sobre a diversidade e suas vantagens está em condições de valorizá-la, defendê-la e ajudar a preservá-la.

14. REFERÊNCIAS

- Aikhenvald AY. 2012. *Language contact in Amazonia*. Oxford University Press.
- Aikhenvald AY. 2002. *Language contact in Amazonia*. Oxford University Press.
- Bakker P. 2020. *Advances in Proto-Basque Reconstruction with Evidence for the Proto-Indo-European-Euskarian Hypothesis* Blevins, Juliette. 2018. Routledge. 426 pages| 50 B/W Illus. ISBN: 978-0-4295-0591-1. *Fontes linguae Vascon Stud Doc* 52: 563–94.
- Beier C, Michael L, and Sherzer J. 2002. Discourse Forms and Processes in Indigenous Lowland South America: An Areal-Typological Perspective. *Annu Rev Anthropol* 31.
- Berlin B. 2014 [1992]. *Ethnobiological Classification*. Princeton University Press.
- Brenzinger M, Dwyer AM, Graaf T, et al. 2003. Vitalidad y peligro de desaparición de las lenguas.
- Brenzinger M. 2008. Language endangerment throughout the world. In: Brenzinger M (Ed). *Language diversity endangered*. Berlin: De Gruyter Mouton.
- Campbell L. 2017. On how and why languages become endangered: Reply to Mufwene. *Language (Baltim)* 93: e224--e233.
- Campbell L. 1998. *Historical linguistics: An introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Campbell L. 2018. *Language Isolates* (L Campbell, Ed). Routledge.
- Campbell L and Grondona VM. 2012. The Indigenous languages of South America : a comprehensive guide. In: Campbell L, Grondona VM (Eds). *The Indigenous Languages of South America*. Berlin ; De Gruyter Mouton.
- Colegio de Etnólogos y Antropólogos Sociales AC (CEAS). 1979. Dominación ideológica y ciencia social: el I.L.V. en México. Declaración José C. Mariátegui.
- Crevels M. 2012. Language endangerment in South America: The clock is ticking. In: Campbell L, Grondona V (Eds). *The Indigenous Languages of South America*. De Gruyter Mouton.

Capítulo 12

- Dixon RM and Aikhenvald AY. 1999. The amazonian languages (AY Dixon, R. M., & Aikhenvald, Ed). Cambridge University Press.
- Ennis G. 2019. Remediating Endangerment: Radio and the Animation of Memory in the Western Amazon.
- Epps P. 2005. The areal linguistics of Amazonia. The role of missionaries. In: Wohlgemuth J, Dirksmeyer T (Eds). *Bedrohte Vielfalt: Aspekte des Sprach(en)tods / Aspects of language death*. Berlin: Weißensee Verlag.
- Epps P and Michael L. In preparation. Amazonian languages: An international handbook (P Epps and M Lev, Eds). De Gruyter Mouton.
- Epps P and Michael L. 2017. The Areal Linguistics of Amazonia. In: Hickey R (Ed). *The Cambridge Handbook of Areal Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Epps P and Stenzel K. 2013. Upper Rio Negro: Cultural and Linguistic Interaction in Northwestern Amazonia (Patience Epps and Kristine Stenzel, Eds). Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, Museu Nacional.
- Ferreira J-AS and Alleyne MC. 2007. Comparative perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Karipúna) French Creole. In: *Synchronic and diachronic perspectives on contact languages*.
- Galucio AV, Moore D, and Voort H van der. 2018. O patrimônio linguístico no Brasil: novas perspectivas e abordagens no planejamento e gestão de uma política da diversidade linguística. *Rev do patrimônio histórico e artístico Nac* **38**: 194–219.
- Gippert J, Himmelmann NP, and Mosel U (Eds). 2006. *Essentials of Language Documentation*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Gow P. 2000. Helpless--the affective preconditions of Piro social life. *Anthropol love anger Aesthet conviviality Nativ Amaz*: 46–63.
- Grzech K, Schwarz A, and Ennis G. 2019. Divided we stand, unified we fall? The impact of standardisation on oral language varieties: a case study of Amazonian Kichwa. *Rev Lleng i Dret*: 123–45.
- Hale K, Krauss M, Watahomigie LJ, et al. 1992. Endangered Languages. *Language (Baltim)* **68**: 1.
- Hammarström H, Castermans T, Forkel R, et al. 2018. Simultaneous visualization of language endangerment and language description.
- Hammarström H, Forkel R, Haspelmath M, and Bank S. 2021. *Glottolog 4.4*.
- Hickey R. 2017. *The Cambridge handbook of areal linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hildebrandt KA and Hu S. 2017. *Documenting Variation in Endangered Languages*.
- Hoff B. 1994. Island Carib, an Arawakan language which incorporated a lexical register of Cariban origin, used to address men. In: *Mixed languages: 15 case studies in language intertwining*. Amsterdam. IFOTT.

Capítulo 12

- IACHR Inter-American Commission on Human Rights. 2013. Pueblos indígenas en aislamiento voluntario y contacto inicial en las Américas: Recomendaciones para el pleno respeto a sus derechos humanos. IWGIA, Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas.
- Krauss M. 2007. Chapter 1. Classification and Terminology for Degrees of Language Endangerment. In: Brenzinger M (Ed). *Language Diversity Endangered*. New York: De Gruyter Mouton.
- Lee NH and Way JR Van. 2018. The language endangerment index. *Cat world's Endanger Lang*: 66–78.
- Lewis MP and Simons GF. 2010. Assessing endangerment: expanding Fishman's GIDS. *Rev Roum Linguist* **55**: 103–20.
- Loebens GF and Oliveira Neves LJ. 2011. Povos indígenas isolados na Amazônia: A luta pela sobrevivência. Manaus: EDUA / CIMI.
- Long KT. 2019. *God in the Rainforest: A Tale of Martyrdom and Redemption in Amazonian Ecuador*. Oxford University Press.
- Matras Y, April M, and Nigel V. *Linguistic areas: Convergence in historical and typological perspective*. Palgrave MacMillan.
- Moore D. 2008. Chapter 3. Endangered Languages of Lowland Tropical South America. In: Brenzinger M (Ed). *Language Diversity Endangered*. De Gruyter Mouton.
- Moseley C. 2009. Each language is a unique world of thought. *Let's Talk, UNESCO Cour*.
- Moseley C. 2010. *Atlas of the World's Languages in Danger*. Unesco.
- Muysken P. 2008. *From linguistic areas to areal linguistics*. John Benjamins.
- Nuckolls J. *Quechua realwords: An audiovisual corpus of expressive Quechua ideophones*<http://quechuarealwords.byu.edu/> %0A%0A. Viewed
- Nuckolls JB. 1996. *Sounds like life: Sound-symbolic grammar, performance, and cognition in Pastaza Quechua*. Oxford University Press on Demand.
- Nuckolls J and Swanson T. 2018. *Respectable uncertainty and pathetic truth in Amazonian Quichua-speaking culture*. Oxford University Press.
- Peña Montenegro A de la. 1968. *Itinerario para parochos de indios*. Ioseph Fernandez de Buendía.
- Recio B. 1947[1773] *Compendiosa relación de la cristiandad de Quito*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Instituto Santo Toribio de Mogrovejo.
- Ricardo FP and Gongora MF. 2019. *Cercos e resistências: povos indígenas isolados na Amazônia brasileira*. São Paulo: Instituto Socioambiental.
- Rodrigues DA. 1993. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. In: DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. 9 (1)

Capítulo 12

- Seifart F and Hammarström H. 2018. Language Isolates in South America. In: Language Isolates. Routledge.
- Seyfeddinipur M, Ameka F, Bolton L, *et al.* 2019. Public access to research data in language documentation: Challenges and possible strategies. *Lang Doc Conserv* **13**: 545–63.
- Swanson TD and Reddekop J. 2017. Looking Like the Land: Beauty and Aesthetics in Amazonian Quichua Philosophy and Practice. *J Am Acad Relig*: lfw086.
- Thomason SG. 2001. Language contact: An introduction. *Edinburgh Univ Press*.
- UNESCO. 2003. Vitalidad y peligro de desaparición de las lenguas. In: Reunión Internacional de Expertos sobre el programa de la UNESCO “Salvaguardia de las Lenguas en Peligro.”
- Winford D. 2003. An introduction to contact linguistics. Wiley-Blackwell.
- Woodbury AC. 2003. Defining documentary linguistics. *Lang Doc Descr* **1**: 35–51.
- Wurm SA. 2001 [1996].. Atlas of the world’s languages in danger of disappearing. Paris: UNESCO Publishing.

15. GLOSSÁRIO LINGUÍSTICO PRINCIPAL

- Difusão regional* A adoção (difusão) de características lexicais ou estruturais em várias línguas não necessariamente relacionadas em uma região geográfica específica.
- Bilinguismo* Ter um alto comando ou domínio nativo de duas línguas. O domínio de dois ou mais idiomas é frequentemente chamado de multilinguismo.
- Língua crioula* Uma nova linguagem que surgiu em uma situação de contato entre grupos que não falam as línguas uns dos outros. Uma língua crioula é falada nativamente e, portanto, tem o mesmo alcance de aplicabilidade para comunicação e expressão que qualquer outra língua. Uma língua crioula pode, ou não, ser o resultado da nativização pidgin. Uma língua crioula geralmente contém elementos lexicais derivados de uma das línguas dos diferentes grupos em

Capítulo 12

contato, mas não pode ser classificada em uma família específica.

Dialeto

Variedade de uma língua mutuamente inteligível com outra variedade da mesma língua, sem prévio conhecimento. Os dialetos surgem quando as populações que falam a mesma língua se dividem e vivem geograficamente separadas umas das outras por um período de tempo suficiente para que sua língua desenvolva variedades distintas.

Domínio

O contexto social do uso da linguagem. Uma língua pode ser usada em vários domínios sociais, como o contexto familiar, a companhia de amigos, escola, religião, situações oficiais, meios de comunicação de massa, etc. Uma língua pode possuir registros diferentes para domínios diferentes.

Primeiro idioma

Língua adquirida nativamente por uma criança durante a fase inicial crítica de aprendizagem (até cerca de 12 anos). Também chamada de língua materna, a primeira língua de uma criança geralmente é adquirida dos pais e de outros membros da família. Se uma criança cresce com duas ou mais línguas simultaneamente, pode adquirir mais de uma língua nativamente.

Histórico linguístico

O estudo da linguagem muda com o tempo. Com a ajuda de métodos comparativos específicos, as famílias de línguas podem ser identificadas, as profundidades de tempo relativas entre os membros da família (línguas irmãs) podem ser estimadas e aspectos da pré-história podem ser reconstruídos.

Língua

Um sistema estruturado geralmente envolvendo som, visão e tato, que foi desenvolvido, usado e adquirido nativamente por humanos para a comunicação eficiente de informações, a expressão de pensamentos e sentimentos e a expressão da identidade individual e coletiva. As línguas podem ser

Capítulo 12

faladas oralmente, assinadas, escritas ou mesmo assobiadas.

Contato de idioma Sempre que vários idiomas são usados na comunicação entre falantes de diferentes idiomas, ocorre o contato com o idioma. Isso pode causar mudanças menores ou maiores nos idiomas participantes em qualquer nível (palavras, sons, gramática, significado, uso, etc.). Em certas situações, o contato linguístico pode levar ao surgimento de novas línguas (pidgins, crioulos, línguas mistas) ou ao desaparecimento de línguas, geralmente por meio da mudança de idioma.

Família da língua Um conjunto de idiomas que são genealogicamente relacionados por meio de ancestrais compartilhados. A classificação das línguas em famílias é o foco do campo da linguística histórica.

Linguagem isolada Um idioma que não é genealogicamente identificável com qualquer outro idioma ou família de idiomas conhecido. Um idioma isolado pode surgir quando é o único membro remanescente de uma família, ou quando sua filiação é tão antiga que nenhuma semelhança com outras línguas é mais discernível. Observe que um idioma isolado não é necessariamente falado por uma população isolada.

Tipologia de linguagem O estudo comparativo de línguas do ponto de vista de suas propriedades estruturais (por exemplo, ordem de palavras, afixação, categorias gramaticais), em vez de com base em suas relações genealógicas.

Mudança de linguagem O abandono coletivo da língua nativa de uma minoria ou grupo subjugado em favor de uma língua diferente, falada por uma maioria ou de outras formas pelo grupo dominante, geralmente por razões de vantagem econômica ou social, mas também muitas vezes imposta pelo grupo dominante.

Capítulo 12

- Variação de linguagem* Também variabilidade linguística. O fenômeno de que uma língua não é uma entidade única, mas que muda e varia ao longo do tempo, por região, entre estratos sociais, de acordo com a ocupação, sexo ou idade, dependendo do público, meio de comunicação, situação e falante. A variação da linguagem encontra expressão em diferentes dialetos, estilos de fala, registros sociais, jargões médicos e outros, gírias juvenis, rituais ou outras formas de uma língua, incluindo estilos individuais.
- Língua franca* Uma linguagem comum de ampla comunicação usada entre grupos que falam línguas diferentes. Pelo menos um dos grupos pode falar a língua como primeira língua, mas não necessariamente.
- Área linguística* Também chamado de *Sprachbund*. Uma região geográfica onde línguas pertencentes a famílias diferentes estiveram em contato por um período suficientemente longo para adotar características lexicais, fonológicas ou estruturais específicas umas das outras, que não são compartilhadas com línguas das mesmas famílias fora da região.
- Linguagem mista* Uma nova língua que surgiu do contato entre dois grupos que não falavam a língua um do outro, o que levou à formação de uma nova etnia. Uma língua mista é falada nativamente e geralmente contém componentes lexicais e / ou gramaticais de ambas as línguas originais em contato, mas não pode ser classificada como membro da família de nenhuma delas.
- Multilinguismo* Ter alto domínio ou domínio nativo de mais de um idioma. Também o uso de duas ou mais línguas por um grupo de falantes.
- Linguagem pidgin* Um idioma com recursos gramaticais e lexicais limitados que é usado em um ambiente específico de contato regular

Capítulo 12

(por exemplo, comércio) entre grupos que não falam os idiomas uns dos outros. Uma língua pidgin é estruturada, portanto possui normas de correção, mas não é falada nativamente. Uma linguagem pidgin geralmente contém elementos lexicais derivados das línguas dos diferentes grupos em contato.

Registro

Variedade de linguagem usada em um domínio social específico. Um idioma pode ter registros separados para uso em ambientes diferentes ou sociais, como ao conversar com amigos, comunicar-se com autoridades, falar com um público, etc.

Segunda língua

Um ou mais idiomas não adquiridos nativamente, mas falados além de seu idioma nativo.